TCC/UNICAMP
F413i
1713 FEF/373

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

INICIAÇÃO ESPORTIVA: UMA ABORDAGEM PEDAGÓGICA SOBRE O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM NO BASQUETEBOL.

HENRIQUE BARCELOS FERREIRA

CAMPINAS, 2001.

TCC/UNICAMP
F413i
1290001713

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

INICIAÇÃO ESPORTIVA: UMA ABORDAGEM PEDAGÓGICA SOBRE O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM NO BASQUETEBOL.

Autor:
Henrique Barcelos Ferreira
Orientador:
Roberto Rodrigues Paes

Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção do Título de Bacharel em Educação Física na modalidade Treinamento em Esportes oferecido pela Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas.

CAMPINAS, 2001.

Com este trabalho presto a minha homenagem a pessoas muito importantes em minha vida:

- *Meus pais*, que sempre me apoiaram em todas as minhas decisões me instruindo com muito carinho e dedicando todo amor na minha formação.
- *Luciana*, pelo carinho, compreensão, companhia, amizade e pelo infinito amor.

AGRADECIMENTOS

A Deus pela vida..

Aos meus pais, André e Rosa Helena , a quem devo minha formação.

Aos meus irmãos Alfredo e Stela, por todo carinho e exemplo que sempre me deram

A Luciana, pela paciência, ajuda e exemplo de vida.

Aos meus avós Alfredo, Olinda e Maria pela dedicação e ensinamentos sempre passados com muito carinho.

Aos Prof. ° Dr. ° Roberto R. Paes e Paulo Cesar Montagner, pela oportunidade de aplicação prática, pela competência de ensino e pela atenção a mim dispensada.

Aos professores, funcionários e alunos da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, pelos ensinamentos e contribuições transmitidos durante o curso.

Aos amigos conquistados na FEF e a turma 97 noturno U.Q.A . , pelo companheirismo.

Aos profissionais do SESC - Campinas: Carlão, Cristina, Débora, Denise, Ernesto, Luciana, Osmar, Rejana, Saga, Toninho e Vanessa, pelos ensinamentos.

Aos técnicos do Regatas Marcelo, Flávio, Rodrigo, Tafarel e Téia, por toda ajuda.

Aos animadores do Alphaville e companheiros da Escola Comunitária, pelo trabalho em equipe.

Aos idosos do SESC – Campinas, pelos exemplos de vida com qualidade e pela alegria transmitida a cada olhar e sorriso.

Aos muitos colegas monitores da Escolinha de Basquetebol da UNICAMP pela seriedade.

A todos meus queridos alunos e atletas com quem muito aprendi.

Aos meus eternos amigos Débora, Fernanda, Heloísa, Larissa, Maíra, Milton e Rodrigo que me acompanharam durante os anos de faculdade, pela amizade.

Agradecimento especial

Prof. ° Dr. ° Roberto Rodrigues Paes ,

Por ter sido muito mais que um professor-orientador.

SUMÁRIO

RESUMO.....1

INTRODUÇÃO.....2

CAPÍTULO 1 - AS FASES DE DESENVOLVIMENTO NO COMPORTAMENTO HUMANO.....5

1.1 – TRANSFERÊNCIA DOS PRINCÍPIOS OPERACIONAIS NOS ESPORTES COLETIVOS.....7

1.2 – A ATIVIDADE MOTORA E SUA APRENDIZAGEM APLICADA A CRIANÇAS E ADOLESCENTES.....10

CAPÍTULO 2 – BASQUETEBOL.....12

2.1.1 - HISTÓRICO DO BASQUETEBOL.....13

2.1.2 - EVOLUÇÃO DO JOGO E DO ESPORTE.....18

2.1.3 - CONTEÚDOS E FUNDAMENTOS DO BASQUETEBOL.....28

2.2 - INICIAÇÃO ESPORTIVA: CONSIDERAÇÕES PEDAGÓGICAS.....31

2.2.1 - PROBLEMAS NO PROCESSO DA INICIAÇÃO ESPORTIVA: A NEGAÇÃO DA ESPECILIZAÇÃO PRECOCE.....33

2.2.2 - A EDUCAÇÃO E O ESPORTE.....35

2.2.3 - PEDAGOGIA DO ESPORTE.....38

2.2.4 - O ESPORTE EDUCACIONAL E O JOGO.....40

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....46

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....48

RESUMO

A iniciação esportiva é um assunto muito discutido, e cada vez mais preocupante. Os problemas relativos ao ensino dos esportes parecem se concentrar, principalmente na ênfase que se dá ao ensino da técnica de cada modalidade em detrimento do ensino da tática. Assim, ensina-se o modo de fazer desvinculado das razões de fazer. Essa forma de ensinar tem por parâmetro a prática de equipes de alto rendimento. Um dos focos de estudo diz respeito à especialização precoce, o qual demos atenção especial. Outras preocupações despertaram o interesse no estudo entre elas: a busca da plenitude atlética em crianças ainda em formação, a competição exacerbada, a seletividade precoce, a pressão psicológica exercida pelos pais e técnicos e a singularidade dos treinos ou aulas limitando um desenvolvimento que deveria ser o mais amplo possível. Utilizamos por afinidade, como referencia, a modalidade basquetebol, para aproveitarmos no estudo das experiências vividas nesta modalidade. O trabalho foi elaborado a partir de revisão bibliográfica temática em acervo circunstancial da biblioteca setorial da FEF/Unicamp e de sites da rede internet. Este estudo pretende destacar a importância em defender a diversificação de movimentos como uma proposta pedagógica no processo de ensino e aprendizagem dos esportes, preocupada em atribuir ao fenômeno esporte uma função educativa e que tem o jogo como instrumento facilitador desse processo.

INTRODUÇÃO

A iniciação esportiva é o primeiro contato da criança com qualquer que seja o esporte. Seus fundamentos, princípios, características, regras e movimentações devem ser, aos poucos, apresentados de maneira simples e num nível de exigência com as capacidades de uma criança que está iniciando um novo processo. Deve também ter características que a afastam do plano unicamente recreativo tanto como do esporte de competição que busca resultados imediatos. Deve educar.

Em geral, a intenção da educação, é a de ajudar cada criança a desenvolver o seu potencial da melhor maneira e o máximo possível. O movimento bem orientado é visto e comparado como de fundamental importância para o desenvolvimento de todas as potencialidades da criança num todo integrado (Guiselini, 1984).

Um dos motivos que despertou-nos o interesse em trabalhar essa temática, que tem o processo da iniciação esportiva como elemento central do estudo, partiu do questionamento levantado durante a graduação na disciplina Pedagogia e Esportes na modalidade basquetebol.

Foi nesta disciplina que, além das questões de referencial metodológico abaixo:

O que ensinar na iniciação esportiva?

Para quem ensinar?

Como ensinar?

Levantou-se também uma questão onde o referencial era sócio-educativo. A questão era:

Em que medida o esporte pode contribuir para a formação de nossos alunos?

Ao envolvermo-nos com esporte educacional, vemos que essa última questão merece atenção especial. É ela que poderá diferenciar o trabalho com crianças e adolescentes enquanto estivermos pensando num processo de ensino e aprendizagem na perspectiva de formarmos cidadãos, sem cometermos o equívoco de darmos ao fenômeno esporte um tratamento singular, restringindo suas possibilidades à formação de atletas.

Identificamos acerca da temática proposta diversos problemas que causam preocupações e que tem norteado trabalhos científicos a respeito dessa iniciação. Os trabalhos apontam, entre outros, para problemas como as pressões psicológicas exercidas pelos pais e técnicos aos praticantes, a definição precoce do esporte a ser praticado, a

competição exacerbada, a busca da plenitude atlética em crianças e adolescentes ainda em formação, a cobrança de resultados e o problema da a especialização esportiva precoce.

Este estudo é de grande importância uma vez que, a partir de uma revisão bibliográfica e de experiências de vida, defendemos a diversificação de movimentos e discutimos o esporte dando-lhe um tratamento pedagógico, onde voltamos nossa atenção para uma metodologia de ensino e aprendizagem que respeite as fases de desenvolvimento no comportamento humano e na aprendizagem das atividades motoras, além de atribuirmos ao esporte uma função educativa.

Buscamos uma solução que dê conta de lidar com todo esse avanço tecnológico que vem sofrendo o fenômeno esporte nestas últimas décadas, acreditando que esta solução está numa pedagogia que respeite os diferentes resultados e funções desse fenômeno, além de claro, respeitar as individualidades, as fases de desenvolvimento físico, psíquico e moral da criança e do adolescente. Queremos também decorrer sobre a evolução do basquetebol e do significado do jogo dentro de uma iniciação esportiva, para que possamos, futuramente, analisarmos melhor como essa evolução transformou o jogo num fenômeno sócio-cultural cuja riqueza maior é sua pluralidade de funções e intervenções.

No primeiro momento do estudo discutimos o aprendizado das práticas esportivas para crianças e adolescentes apresentando fases de desenvolvimento humano e a atividade motora aplicada a este público. Mostramos também como o processo de transferência dos princípios operacionais facilita a aprendizagem, uma vez que um jogador percebe num jogo, uma estrutura semelhante já encontrada num outro esporte coletivo.

Num segundo momento abordamos os conteúdos, fundamentos e o histórico do basquetebol e, recorremos também, a questão da pedagogia na iniciação esportiva apontando seus problemas e destacando a importância de se dar ao esporte um tratamento educativo. A pedagogia do esporte, considerando o cenário, as personagens, as modalidades e os objetivos delimitados no estudo deverá proporcionar as crianças e adolescentes o conhecimento de diferentes modalidades, devendo sua prática ser organizada em decorrência a um tempo pedagógico adequado, respeitando as características da faixa etária do aluno, bem como da fase de ensino da qual o aluno faz parte. (Paes 1996). Por fim, apontamos o "jogo possível" como um importante instrumento de uma pedagogia do

esporte voltada para o aprendizado do esporte educacional, que não pode ter uma finalidade em si mesma, mas sim ser uma etapa no processo de formação do aluno.

CAPÍTULO 1

1. As fases de desenvolvimento no comportamento humano.

Quando nos referirmos a diferenças biológicas devemos caracterizar as fases do desenvolvimento. Cada indivíduo pensa, age, se emociona e se desenvolve em tempos e formas diferentes. Na educação física o desenvolvimento é caracterizado pelas fases pré-puberdade, puberdade e pós-puberdade. Na passagem da fase pré-puberdade para a puberdade ocorre um crescimento acelerado de todo o organismo. Todo esse crescimento biológico provoca alterações físicas acarretando em modificações psicossociais com efeitos sobre a atividade motora.

Carazzato & Costa (1991) apresentam quatro fases que deve-se observar no desenvolvimento humano. São elas:

Primeira fase: de zero a um ano, fase do "conhecimento", na qual ocorre o aparecimento de padrões neurológicos. Nesta fase recomenda-se o desenvolvimento da psicomotricidade, o reconhecimento do meio aquático, do meio terrestre e do aéreo.

Segunda fase: de 1 a 6 anos, fase do desenvolvimento neuropsíquico motor com o estabelecimento da coordenação motora fina: andar, saltar, cair, arremessar e pegar.

Terceira fase: de 6 a 12 anos, fase do desenvolvimento em conjunto do organismo; o crescimento ósseo e miotendinoso, o psíquico e o mental. Nesta fase, recomenda-se o início em escolas de esporte, para a aquisição de conhecimentos de várias modalidades esportivas. Por volta dos dez anos, sugere-se iniciar atividades mais específicas, como natação, ginástica olímpica, corridas e saltos.

Quarta fase: de 12 a 18 anos, fase do desenvolvimento final do padrão físico, na qual recomenda-se o início da prática de alguns esportes competitivos, que irão aprimorar definitivamente a coordenação motora, a flexibilidade, a velocidade, a força e a resistência.

A diversificação no processo de aprendizagem do esporte possibilita o conhecimento de diferentes modalidades, obedece a uma seqüência adequada aos processos de

desenvolvimento, crescimento e aprendizagem motora do aluno proporcionando a compreensão da lógica técnico-tática do esporte coletivo além de desenvolver as habilidades nos seus valores absoluto e relativo.

Num primeiro momento nosso objetivo será ampliar o vocabulário motor através de atividades lúdicas, o jogo. Num segundo momento o objetivo é fazer com que a criança conheça o maior número de modalidades através dos jogos desportivos. E num terceiro e último momento é que trabalharemos com a especialização, com o esporte competitivo.

Go Tani dividiu esses momentos da seguinte forma:

5-6 anos: Devemos fornecer uma ampla variedade de habilidades motoras, tais como andar, correr, saltar, chutar, girar, balançar, etc, utilizando o próprio corpo como material específico da educação física.

7-8 anos: Nesta fase estaremos introduzindo jogos pré- desportivos visando a combinação de habilidades motoras adquiridas e futura sistematização de modalidades como basquetebol, atletismo, futebol, etc.

9-10 anos: Agora daremos ênfase ao desenvolvimento das modalidades esportivas já vivenciadas anteriormente com o objetivo de estimular a prática específica no estágio sem perder a preocupação com a educação corporal.

A partir dos 11 anos: Nesta idade a criança poderá optar por continuar a prática das diversas modalidades sem aprofundar-se em nenhuma específica ou, considerando seu grau de amadurecimento, despertar para uma modalidade e treiná-la sistematicamente.

Concluí-se, que cada faixa etária tem suas peculiaridades e características especiais de desenvolvimento e que devem ser respeitadas. Para cada faixa etária deve ser aplicada uma metodologia, com coerência, levando à criança e ao adolescente um acréscimo em seu repertório motor, desde que esteja pedagogicamente apropriada e utilize atividades que promovam a motivação e o bem estar em seus praticantes.

1.1. Transferência dos princípios operacionais nos esportes coletivos

No decorrer de um jogo surgem inúmeras tarefas motoras de grande complexidade para cuja resolução não existe um modelo de execução fixo (Faria & Tavares, 1992).

Desde a década de 60 que a didática dos esportes coletivos repousa em uma análise formal e mecanicista preestabelecidas. O ensino dessas modalidades tem freqüentemente consistido em fazer adquirir aos praticantes sucessões de gestos técnicos, empregando-se muito tempo no ensino da técnica e muito pouco ou nenhum no ensino do jogo propriamente dito (Gréhaigne & Guillon, 1992). Esse exagero pelo ensino centrado na técnica individual parte do princípio que a soma de todos os desempenhos individuais resulta em uma melhora na qualidade da equipe e que o gesto técnico aprendido duma forma analítica possibilita uma aplicação eficaz nas situações de jogo. Em grande medida, aquilo que o aluno ou jogador é capaz de antecipar, projetar ou problematizar vem condicionado pelo repertório motor, cognitivo e de meios que ele conhece e dispõe para agir. Só que esse processo de transmissão das técnicas básicas do jogo vem sendo apresentada de uma forma descontextualizada e privilegiando os aspectos da realização motora dos gestos em detrimento dos aspectos do seu uso em situação (Read & Devis, 1990), ou seja, nessa perspectiva se ensina o modo de fazer separado das razões de fazer. Essa forma de se ensinar os esportes tem por parâmetro a prática de equipes de alto rendimento.

Sendo o esporte uma expressão da cultura humana, deve ser algo dinâmico, passível de variações em função dos diferentes contextos onde ocorre. Claude Bayer demonstra que na estrutura dos diferentes esportes coletivos existem princípios comuns passíveis de uma transferência e que esse processo chamado pelo autor de *transfert,* facilita a aprendizagem quando um jogador percebe num jogo, uma estrutura semelhante já encontrada em outro esporte coletivo. O autor chama esses princípios comuns de **princípios operacionais,** que são a base no ensino dos esportes coletivos.

Todo esporte coletivo, por maior que sejam suas diferenças apresentam invariantes que lhes são comum São elas:

- Um objeto (a bola);
- Um espaço determinado;

- Um alvo a atacar e outro a defender;
- A presença de parceiros;
- A presença de adversários;
- Regras especificas;

Dessa forma não ocorre a especificidade das modalidades e nessa fase de iniciação do processo do ensino-aprendizagem dos esportes deve haver a preocupação em fazer o aluno compreender e praticar os princípios operacionais, que poderão, futuramente, ser transferidos para várias modalidades esportivas.

Os princípios operacionais são identificados em duas grandes situações: **defesa** (inicia-se quando há perda da posse de bola) ou **ataque** (inicia-se logo que a posse de bola é ou esta por ser recuperada).

Os princípios operacionais de defesa são:

1- Recuperação da bola;
2- Incomodar ou impedir a progressão do adversário;
3- Proteção do alvo ou do campo.

Os princípios operacionais de ataque são:

1- Conservação da bola quando recuperada;
2- Progressão ao alvo adversário;
3- Realização de um ponto.

Na aplicação desses princípios deve-se considerar a posição da bola, os espaços na quadra, a situação dos companheiros e adversários e o objetivo em questão. Os princípios operacionais permitem que os jogadores atuem de forma autentica e decisiva à medida que dão sentido e modificam os componentes que constroem o jogo.

Considerando então os esportes coletivos a partir de suas semelhanças estruturais, deve-se garantir nas fases iniciais a aquisição por parte dos alunos dos princípios operacionais dos esportes coletivos, para, em seguida, desenvolver as regras de ação e as atitudes específicas de cada modalidade. Dessa forma, o aluno conseguirá transferir os princípios operacionais para outras situações de jogo e outras modalidades. A partir dessa metodologia- chamada por Claude Bayer de Pedagogia das Intenções – evita-se a especialização precoce em uma modalidade esportiva, além de incentivar no aluno a

inteligência tática, que garantirá um acesso ao conhecimento esportivo de forma criativa e autônoma. Por isso, tal pedagogia constitui num processo que solicite ao máximo os poderes de decisão do aluno a sua reflexão tática. Assim, o aluno mais do que reproduzir certos gestos esportivos deverá se comportar ativamente no jogo, compreendendo as razões de fazer determinados movimentos.

1.2. A atividade motora e sua aprendizagem aplicada a crianças e adolescentes

O movimento é a manifestação fundamental do desenvolvimento do homem, possibilita ao indivíduo o conhecimento de si mesmo e do mundo que o cerca. É através do movimento que experimentamos nossas possibilidades e limites motores. A criança e o adolescente, conforme vão conhecendo progressivamente seu corpo vão adquirindo a autoconfiança necessária para a formação da consciência corporal, pois são seres multidimensionais onde, a todo momento, a motricidade interage de forma complexa com as dimensões cognitivas, afetivas e sociais.

O desenvolvimento motor é visto como um processo de mudanças no comportamento motor da pessoa durante toda a vida, que resulta da interação entre hereditariedade e ambiente. Como as características hereditárias são determinantes e limitantes, certamente um ambiente estimulante e rico de oportunidades levará a pessoa a um bom desenvolvimento. De acordo com esse este pensamento verifica-se que a interação é a responsável pela qualidade do desenvolvimento, pois esta decorre da oportunidade para a prática, do encorajamento e da instrução, que deve ser adequada ao nível de maturidade da criança. (Gallahue & Ozmun, 1997).

Através de vários estudos realizados por Zanon & Rocha Jr., 2000, pode-se verificar que a educação do movimento da criança é um longo processo de mudanças, onde a qualidade e a quantidade dos padrões de movimentos dependem das oportunidades, liberdade e encorajamento das experiências motoras, associados aos jogos e atividades esportivas. Desta forma, essas atividades deverão constituir um meio educativo essencial, ocupando um lugar privilegiado no ensino de crianças e adolescentes em idade escolar.

Pode-se dizer que aprenderá mais rapidamente aquela criança que tiver um número maior de experiências motoras, uma melhor formação multilateral e um alto nível de qualidades físicas básicas. Para isso torna-se importante todo um trabalho visando um completo desenvolvimento das habilidades motoras de base, assim como da capacidade motora da criança, proporcionando-lhe um domínio corporal através de atividades orientadas de forma progressiva. Segundo Flinchum (1981), são habilidades motoras básicas:

- saltar	- equilibrar	- trepar
- correr	- rolar	- puxar
- lançar	- bater	- pendurar

Retomamos então que, a partir do domínio das habilidades fundamentais, pode-se estimular a criança a combinar as diversas formas de movimento de maneira que se aproxime, progressivamente, de movimentos considerados mais complexos.

Em nenhum momento do estudo podemos nos esquecer que, crianças e adolescentes não representam "adultos em miniatura", e nem devem ser submetidos a um "treinamento de adulto reduzido". Deve, sim, ter amplas, ricas e variadas vivências motoras e atividades esportivas adaptadas à faixa etária em que se encontram, respeitando assim os seus limites.

CAPÍTULO 2

2.1 Basquetebol

"O basquetebol é jogado por duas equipes de cinco jogadores cada uma. O objetivo de cada equipe é o de jogar a bola dentro da cesta do adversário e evitar que a outra equipe se apodere dela ou faça pontos. A bola poderá ser passada, arremessada, batida por tapas, rolada ou driblada em qualquer direção, respeitadas as restrições impostas pelas regras do jogo".

(Regras Oficiais de Basquetebol 1998-2002 – FPB)

Desde a década de 1980 o problema da especialização precoce vem sendo muito estudado. Paes, ao observar que os resultados obtidos eram mais importantes do que a própria formação da criança e que a busca pela vitória era priorizada em detrimento das possibilidades educativas inerentes à atividade foi estudar este problema na modalidade basquetebol, especificamente na categoria mini-basquetebol. Neste segundo capítulo, queremos além de decorrer sobre o problema da especialização precoce, mostrarmos a evolução, os conteúdos e fundamentos do basquetebol, para depois, estudarmos sobre iniciação esportiva, pedagogia do esporte, e sobre o jogo e o esporte educacional.

O basquetebol é constituído por uma soma de habilidades que, unidas, compõem o jogo. Cada uma dessas habilidades, isoladamente, constitui uma unidade significativa e total em si mesma.

De acordo com Daiuto (1983), o basquetebol "é uma sucessão de esforços intensos e breves, realizados em ritmos diferentes. É um conjunto de corridas, saltos e lançamentos" (p.87).

2.1.1 Histórico do basquetebol

Tudo começou quando...

Em 1891, o longo e rigoroso inverno de Massachussets tornava impossível a prática de esportes ao ar livre. As poucas opções de atividades físicas em locais fechados se restringiam a entediantes aulas de ginástica, que pouco estimulavam os alunos. Foi então que Luther Halsey Gullick, diretor do Springfield College, colégio internacional da Associação Cristã de Moços (ACM), convocou o professor canadense James Naismith, de 30 anos, e confiou-lhe uma missão: pensar em algum tipo de jogo sem violência que estimulasse seus alunos durante o inverno, mas que pudesse também ser praticado no verão em áreas abertas.

Depois de algumas reuniões com outros professores de educação física da região, James Naismith chegou a pensar em desistir da missão. Mas seu espírito empreendedor o impedia. Refletindo bastante, chegou à conclusão de que o jogo deveria ter um alvo fixo, com algum grau de dificuldade. Sem dúvida, deveria ser jogado com uma bola, maior que a do futebol, que quicasse com regularidade. Mas o jogo não poderia ser tão agressivo quanto o futebol americano, para evitar conflitos entre os alunos, e deveria ter um sentido coletivo. Havia um outro problema: se a bola fosse jogada com os pés, a possibilidade de choque ainda existia. Naismith decidiu então que o jogo deveria ser jogado com as mãos, mas a bola não poderia ficar retida muito tempo e nem ser batida com o punho fechado, para evitar socos acidentais nas disputas de lances.

A preocupação seguinte do professor era quanto ao alvo que deveria ser atingido pela bola. Imaginou primeiramente colocá-lo no chão, mas já havia outros esportes assim, como o hóquei e o futebol. A solução surgiu como um relâmpago: o alvo deveria ficar a 3,5m de altura, onde imaginava que nenhum jogador da defesa seria capaz de parar a bola que fosse arremessada para o alvo. Tamanha altura também dava um certo grau de dificuldade ao jogo, como Naismith desejava desde o início.

Mas qual seria o melhor local para fixar o alvo? Como ele seria? Encontrando o zelador do colégio, Naismith perguntou se ele não dispunha de duas caixas com abertura de

cerca de 8 polegadas quadradas (45,72 cm). O zelador foi ao depósito e voltou trazendo dois velhos cestos de pêssego. Com um martelo e alguns pregos, Naismith prendeu os cestos na parte superior de duas pilastras, que ele pensava ter mais de 3,0m, uma em cada lado do ginásio. Mediu a altura. Exatos 3,03m, altura esta que permanece até hoje. Nascia a cesta do basquete. James Naismith escreveu rapidamente as primeiras regras do esporte, contendo 13 itens. Elas estavam tão claras em sua cabeça que foram colocadas no papel em menos de uma hora. O criativo professor levou as regras para a aula, afixando-as num dos quadros de aviso do ginásio. Comunicou a seus alunos que tinha um novo jogo e se pôs a explicar as instruções e organizar as equipes. Havia 18 alunos na aula. Naismith selecionou dois capitães (Eugene Libby e Duncan Patton) e pediu-lhes que escolhesse os lados da quadra e seus companheiros de equipe. Escolheu dois dos jogadores mais altos e jogou a bola para o alto. Era o início do primeiro jogo de basquete. Curioso, no entanto, é que nem Naismith nem seus alunos tomaram cuidado de registrar esta data, de modo que não se pode afirmar com precisão em que dia o primeiro jogo de basquete foi realizado. Sabe-se apenas que foi em dezembro de 1891, pouco antes do Natal. Como o esperado, o primeiro jogo foi marcado por muitas faltas, que eram punidas colocando-se seu autor na linha lateral da quadra até que a primeira cesta fosse feita. Outra limitação dizia respeito à própria cesta: a cada vez que um arremesso era convertido, um jogador tinha de subir até a cesta para apanhar a bola. A solução encontrada, alguns meses depois, foi cortar a base do cesto, o que permitiria a rápida continuação do jogo.

Após a aprovação da diretoria do Springfield College, a primeira partida do esporte recém-criado foi realizada no ginásio Armory Hill, no dia 11 de março de 1892, em que os alunos venceram os professores pelo placar de 5 a 1, na presença de cerca de 200 pessoas.

A primeira bola de basquete foi feita pela A.C. Spalding & Brothers, de Chicopee Falls (Massachussets) ainda em 1891, e seu diâmetro era ligeiramente maior que o de uma bola de futebol.

As primeiras cestas sem fundo foram desenhadas por Lew Allen, de Connecticut, em 1892, e consistiam em cilindros de madeira com bordas de metal. No ano seguinte, a Narraganset Machine & Co. teve a idéia de fazer um anel metálico com uma rede nele pendurada, que tinha o fundo amarrado com uma corda mas poderia ser aberta

simplesmente puxando esta última. Logo depois, tal corda foi abolida e a bola passou a cair livremente após a conversão dos arremessos. Em 1895, as tabelas foram oficialmente introduzidas.

Naismith não poderia imaginar a extensão do sucesso alcançado pelo esporte que inventara. Seu momento de glória veio quando o basquete foi incluído nos Jogos Olímpicos de Berlim, em 1936, e ele lançou ao alto a bola que iniciou o primeiro jogo de basquete nas Olimpíadas.

Atualmente, o esporte é praticado por mais de 300 milhões de pessoas no mundo inteiro, nos mais de 170 países filiados à FIBA.

O basquetebol no Brasil

O Brasil foi um dos primeiros países a conhecer a novidade...

Augusto Shaw, um norte-americano nascido na cidade de Clayville, região de Nova York, Completou seus estudos na Universidade de Yalle, onde em 1892 graduou-se como bacharel em artes e onde Shaw tomou contato pela primeira vez com o basquete.

Dois anos depois, recebeu um convite para lecionar no tradicional Mackenzie College, em São Paulo. Na bagagem, trouxe mais do que livros sobre a história da arte. Havia também uma bola de basquete. Mas demorou um pouco até que o professor pudesse concretizar o desejo de ver o esporte criado por James Naismith adotado no Brasil. A nova modalidade foi apresentada e aprovada imediatamente pelas mulheres. Isso atrapalhou a difusão do basquete entre os rapazes, movidos pelo forte machismo da época. Para piorar, havia a forte concorrência do futebol trazido em 1894 por Charles Miller, e que se tornou a grande coqueluche da época entre os homens.

Aos poucos o persistente Augusto Shaw foi convencendo seus alunos de que o basquete não era um jogo de mulheres. Quebrada a resistência, ele conseguiu montar a primeira equipe do Mackenzie College, ainda em 1896. Uma foto enviada ao instituto

Mackenzie nos Estados Unidos, mostra o que seria a primeira equipe organizada no Brasil, justamente por Shaw. Estão identificados Horácio Nogueira e Edgar de Barros, Pedro Saturnino, Augusto Marques Guerra, Theodoro Joyce, José Almeida e Mário Eppinghauss.

Shaw viveu no Brasil até 1914 e teve a chance de acompanhar a difusão do basquete no país. Faleceu em 1939, nos Estados Unidos.

A aceitação nacional do novo esporte veio através do Professor Oscar Thompson, na Escola Nacional de São Paulo e Henry J. Sims, então diretor de Educação Física da Associação Cristã de Moços (ACM), do Rio de Janeiro.

Em 1912, no ginásio da rua da Quitanda n. 47, no centro do Rio de Janeiro, aconteceram os primeiros torneios de basquete. Em 1913, quando da visita da seleção chilena de futebol a convite do América Futebol Clube, seus integrantes, membros da ACM de Santiago, passaram a freqüentar o ginásio da rua da Quitanda. Henry Sims, convenceu os dirigentes do America a introduzir o basquete no clube da rua Campos Salles, no Bairro da Tijuca. Para animá-los, arranjou um jogo contra os chilenos oferecendo uma equipe da ACM, com o uniforme do América que triunfou pelo curioso score de 5 a 4. O plano vingou e o America foi o primeiro clube carioca a adotar o basquete.

As regras do esporte foram traduzidas para o português pela primeira vez em 1915. Nesse ano a ACM realizou o primeiro torneio da América do Sul, com a participação de seis equipes. O sucesso foi tão grande que a liga Metropolitana de Sports Athléticos, responsável pelos esportes terrestres no Rio de Janeiro, resolveu adotar o basquete em 1916. O primeiro Campeonato oficializado pela Liga foi em 1919, com a vitória do Flamengo.

Em 1922 foi convocada pela primeira vez a seleção brasileira, quando da comemoração do Centenário do Brasil nos Jogos Latino-Americanos, um torneio continental, em dois turnos, entre as seleções do Brasil, Argentina e Uruguai. O Brasil sagrou-se campeão, sob a direção de Fred Brown. Em 1930, com a participação do Brasil, foi realizado em Montevidéu, o primeiro Campeonato Sul Americano de Basquete.

Em 1913 houve uma cisão no esporte nacional, quando os clubes adotaram o profissionalismo do futebol criaram entidades especializadas dos vários desportos. Nasceu assim a Federação Brasileira de Basketball, fundada a 25 de dezembro de 1933, no Rio de Janeiro. Em Assembléia aprovado dia 26 de dezembro de 1941, passou ao nome atual, Confederação Brasileira de Basketball.

2.1.2 Evolução do jogo e do esporte

De 1891, onde se precisava de escadas para retirar a bola dos cestos de pêssego, para os dias de hoje em que existem tabelas com alta tecnologia, aros retráteis; não só o basquete, mas o fenômeno esporte passou por diversas mudanças e evoluíram de forma significativa. Hoje comprovadamente, o jogo está mais competitivo, exigindo melhor condicionamento físico dos atletas em função dos conhecimentos alcançados pela ciência do esporte e pelo desenvolvimento das inovações técnicas e táticas, além de outros aspectos que envolvem o treinamento.

A maior mudança é que o esporte deixou de ser uma prática singular. Um dos desafios metodológicos mais significativos está em compreender o esporte como um fenômeno sócio cultural e desenvolvê-lo, considerando sua pluralidade de manifestações, significados, ações ambientes e personagens. Sua prática deverá ainda estar atrelada a valores e modos de comportamento indispensáveis a uma melhor formação das crianças e dos adolescentes.

Esta evolução levou o esporte a apresentar uma diversidade nos seus aspectos de desenvolvimento, comportamento, rendimento, saúde, movimento, formatação, cognição, motivação e de emoção; fazendo com que cada indivíduo vivencie o esporte por razões e sentimentos distintos.

A evolução das regras também foi um dos fatores que fizeram com que o jogo tivesse essa atual dinâmica. Essas são as regras originais do basquetebol. Elas foram escritas por James Naismith e apresentadas à Luther Halsey Gullick. São treze ao todo:

1- A bola pode ser arremessada em qualquer direção com uma ou com ambas as mãos;

2 - A bola pode ser tapeada para qualquer direção com uma ou com ambas as mãos (nunca usando os punhos);

3 - Um jogador não pode correr com a bola. O jogador deve arremessá-la do ponto

onde pegá-la. Exceção será feita ao jogador que receba a bola quando estiver correndo a uma boa velocidade;

4 - A bola deve ser segura nas mãos ou entre as mãos. Os braços ou corpo não podem ser usados para tal propósito;

5 - Não será permitido sob hipótese alguma puxar, empurrar, segurar ou derrubar um adversário. A primeira infração desta regra contará como uma falta, a segunda desqualificará o jogador até que nova cesta seja convertida e, se houver intenção evidente de machucar o jogador pelo resto do jogo, não será permitida a substituição do infrator.

6 - Uma falta consiste em bater na bola com o punho ou numa violação das regras 3, 4 e 5.

7 - Se um dos lados fizer três faltas consecutivas, será marcado um ponto a mais para o adversário (Consecutivo significa sem que o adversário faça falta neste intervalo entre faltas).

8 - Um ponto é marcado quando a bola é arremessada ou tapeada para dentro da cesta e lá permanece, não sendo permitido que nenhum defensor toque na cesta. Se a bola estiver na borda e um adversário move a cesta, o ponto será marcado para o lado que arremessou.

9 - Quando a bola sai da quadra, deve ser jogada de volta à quadra pelo jogador que primeiro a tocou. Em caso de disputa, o fiscal deve jogá-la diretamente de volta à quadra. O arremesso da bola de volta à quadra é permitido do tempo máximo de 5 segundos. Se demorar mais do que isto, a bola passará para o adversário. Se algum dos lados insistir em retardar o jogo, o fiscal poderá marcar uma falta contra ele.

10 - O fiscal deve ser o juiz dos jogadores e deverá observar as faltas e avisar ao árbitro quando três faltas consecutivas forem marcadas. Ele deve ter o poder de desqualificar jogadores, de acordo com a regra 5.

11 - O árbitro deve ser o juiz da bola e deve decidir quando a bola está em jogo, a que lado pertence sua posse e deve controlar o tempo. Deve decidir quando um ponto foi marcado e controlar os pontos já marcados, além dos poderes normalmente utilizados por um árbitro.

12 - O tempo de jogo deve ser de dois meio-tempos de 15 minutos cada, com 5 minutos de descanso entre eles.

13 - A equipe que marcar mais pontos dentro deste tempo será declarada vencedora. Em caso de empate, o jogo pode, mediante acordo entre os capitães, ser continuado até que o outro ponto seja marcado.

As informações abaixo foram retiradas do site www.basket.com.br acessado no dia 26 de outubro de 2001. Elas apresentam um pouco sobre a evolução do basquetebol através do tempo.

1891

O Dr. James Naismith, professor de Educação Física canadense naturalizado americano, inventa o basquetebol na escola para trabalhadores cristãos (ACM), atual Springfield College, em Massachussetts - EUA.

As primeiras bolas utilizadas são as mesmas dos jogos de futebol e as primeiras cestas iguais aos da colheita de pêssego, com diâmetro de 45,72cm.Os cestos eram presos nas galerias do ginásio.

Permitia-se de 3 a 40 jogadores por equipe. O primeiro jogo é disputado por equipes de 9 jogadores no dia 21 de dezembro, na cidade de Springfield. A cesta de campo valia um ponto, passando, em seguida, a valer três pontos.

A primeira falta do jogador valia advertência, a segunda, a desqualificação do jogador até a próxima cesta e três faltas consecutivas de uma equipe valiam um ponto para o adversário.

Para iniciar o jogo, o juíz atirava a bola para o centro da quadra, onde estavam todos os jogadores. O jogo tinha dois períodos de 15 minutos com intervalo de 5 minutos. Não se adimitia o empate. Havia prorrogação até que fosse convertida uma cesta por uma das equipes.

Jogava-se em uma área retangular sem especificação ou demarcação.

1892

Genzabaro Sadami Ishikawa publica o primeiro resumo (caricatura) do jogo. O autor foi um dos dezoito participantes do primeiro jogo.

Em 15 de janeiro as primeiras regras com 13 artigos, são publicadas pelo jornal *O Triângulo da ACM,* sob a epígrafe de "Um Novo Jogo".

No dia 11 de março, às 17h15, é realizado o primeiro jogo público entre alunos e professores da ACM. Os alunos vencem por 5x1 diante de um público de 200 pessoas. Amos Alonso Stagg marca o único ponto para os professores. Cada equipe tinha sete jogadores.

Lew Allen of Hartford Co. faz cestas de arame forte entrelaçado para eliminar as cestas de pêssego originais. Pelas regras publicadas, uma partida era dirigida por dois juízes, ou seja, um árbitro e um fiscal. Um era chamado de juiz dos homens e outro de juiz da bola.

1893

Narragan Sett Machine Co, em Northampton, manufatura cestas com bordas de ferro e rede de cordões trançados. Em 22 de março, a Faculdade Smith, em Northampton Mass, é a primeira escola de mulheres a realizar um jogo de Basquete. Não se permitiu que nenhum homem assistisse à partida.

O tempo de jogo passa a ser dois tempos de 20 minutos cada, com intervalo de 10 minutos.

São criadas as redes de crochê fechadas embaixo. Para retirar a bola, usava-se um bastão ou uma escada. Logo surgiu um dispositivo que permitia abrir o fundo da rede. São colocados anteparos de arame atrás das cestas. Posteriormente foram criadas tabelas de madeira para facilitar os arremessos com as medidas de 1,80m x 1,20m.

1897

É determinado o limite de cinco jogadores por equipe.

1901

Desta data até 1908, o driblador não podia arremessar à cesta.

1904

Surge como esporte de demonstração na Olimpíada de Saint-Louis, nos EUA. Cinco equipes americanas participaram.

1905

Pela primeira vez é determinada uma data especial para o basquete, normalmente dia 12 de outubro.

1915

Começam a ser usadas cestas semelhantes às atuais com 45cm de diâmetro, mantendo-se até a altura da cesta ao solo de 3,05m.

1921

A partir desta data Basket-Ball (cesta e bola) passa a ser escrito em uma única palavra (Basketball).

1923

Os tiros livres passam a ser obrigatoriamente cobrados pelos jogadores que sofressem a falta, evitando-se, com isso, a existências de especialistas apenas em lances livres.

1924

Nos Jogos Olímpicos de Paris, o Basquete é novamente incluído como esporte de demonstração.

1926

É fabricada a bola com válvula, substituindo a de costura externa.

1929

Surge uma bola com o nome Nismith.

1932

Até esta data, quatro faltas pessoais desqualificavam o jogador.
A FIBA determina o padrão das bolas: circunferência emtre 75cm e 80cm e peso entre 576g e 600g.

É oficializada a regra dos 10 segundos para passagem da bola para o campo adversário.

A FIBA padroniza a colocação das tabelas a 2,75m do solo.
É fundada em 18 de junho, na sede da ACM (YMCA) de Genebra, na Suíça, a FIBA (Federação Internacional de Basketball).

1936

Passa a ser obrigatório o uso de tabelas de madeira pintadas de branco. O Basquetebol entra oficialmente nos Jogos Olímpicos, em Berlim. A cerimônia inaugural é realizada em 17 de agosto. James Naismith é eleito presidente honorário da FIBA. Eliminada a bola ao alto no círculo central da quadra depois de cada cesta convertida. A reposição passa a ser feita partindo da linha de fundo, sendo a bola entregue ao juiz. São criadas duas categorias de jogadores, até 1,90m de altura e acima de 1,90m. Entretanto, nesse mesmo ano, essa decisão, que não teve boa aceitação, é revogada. Hank Luisetti torna popular nos EUA o arremesso à cesta com uma das mãos.

1940

Acontece no Madison Square Garden, em Nova Iorque, a primeira partida de basquete televisionada.

1944

O número de substituições passa a ser ilimitado; anteriormente cada time só tinha direito a cinco substituições durante o jogo.

1945

Oficializada a permanência na área do garrafão até o limite máximo de três segundos.

1946

O arremesso de jump é criado pelo americano Kenny Sailors do Wyoming University.

1948

Eliminada a entrega da bola ao juiz na linha de fundo. Os próprios jogadores recolocam a bola em jogo.

Oficializada as tabelas de vidro.

Criada oficialmente a NBA (National Basketball Association), a liga profissional americana com três divisões: Leste, Oeste e Centro.

Na Olimpíada de Londres, os jogos de Basquete são realizados pela primeira vez em ginásio coberto.

1952

Determinada a numeração dos jogadores de 4 a 15 nas camisas. Determinada a pintura do retângulo nas telas.

O garrafão é ampliado.

1959

Jay Archer cria o Biddy-Basket, posteriormetne denominado Mini-Basket.

1960

Cinco faltas pessoais ou técnicas passaram a excluir o jogador da partida.

Os oficiais passaram a ser: árbitro, fiscal, cronometrista, apontador e operador dos 30 segundos.

É definida a regra dos 30 segundos para o arremesso.

1963

O jogador punido com falta deve levantar o braço.

1968

É inaugurado, em 18 de fevereiro, o Naismith Memorial Basketball Hall of Fame em Alden Street, no campus do Springfield College, em Springfield, Massachusetts o Museu do Basquete.

A regra dos 10 segundos passa a ser aplicada ao jogo todo, pois anteriormente era considerada somente nos três minutos finais do jogo.

1976

O basquete feminino entra pela primeira vez nos Jogos Olímpicos de Montreal - Canadá.

1980

A NBA aprova cestas de três pontos em seus campeonatos.

1981

A regra das faltas coletivas, que era de 10, é reduzida para 8 em 1984 cai para 7.

1985

A FIBA institui a cesta de três pontos com distância de 6,25m.

1990

É definido o padrão atual das bolas (na cor laranja, com circunferência entre 74,9cm e 78cm e peso entre 567g e 650g).

2.1.3 Conteúdos e fundamentos do basquetebol

Pela prática do basquetebol podemos determinar como objetivos diretamente ligados ao praticante o seu desenvolvimento físico, técnico, tático, psicológico, moral e social.

No plano físico podemos desenvolver as capacidades físicas básicas envolvidas na execução dos fundamentos a saber: coordenação, ritmo, equilíbrio, agilidade, força, velocidade, flexibilidade e resistência cardiorespiratória.

Quanto aos aspectos psicológicos e aos valores morais envolvidos na prática do basquetebol, podemos afirmar que o praticante desse esporte desenvolve a confiança em si mesmo, a responsabilidade, a sociabilidade, o espírito de cooperação, o espírito de luta, o reconhecimento da vitória e da derrota e a agressividade criativa, que é a determinação e a coragem para tomar decisões e realizar tarefas durante um jogo.

Quanto aos aspectos técnicos, serão considerados os fundamentos do jogo (Controle de corpo, Manejo de bola, Passes, Drible, Arremessos e o rebote), as situações decorrentes da utilização desses fundamentos e os exercícios elaborados para a aprendizagem e o treinamento dos fundamentos e das situações.

Controle de corpo

É a capacidade de realizar movimentos e gestos específicos do basquetebol, exigidos pela própria dinâmica do jogo. Esses gestos e movimentos são as várias formas de controlar o corpo como saídas rápidas, paradas bruscas, mudanças de direção, corridas, finta, giros, saltos, etc...

Manejo de bola

É a capacidade de manusear a bola nas diversas situações do jogo.

Deve-se oferecer aos praticantes a oportunidade de conhecer as diversas possibilidades de movimentos com a bola, como: rolar, tocar, quicar, segurar, lançar, trocar de mãos e movimentá-la em relação a diversos planos do corpo.

Passes

São lançamentos da bola entre elementos de uma mesma equipe que constitui numa maneira de levar a bola de um ponto a outro da quadra sem infringir as regras do basquetebol.

Este fundamento é executado mediante lançamentos da bola entre elementos da mesma equipe, com o objetivo de conseguir um melhor posicionamento na quadra, para maior facilidade na obtenção de uma cesta.

Os passes podem ser executados com uma ou ambas as mãos. No primeiro caso podem ser citados os passes: picado, à altura do ombro, por baixo e tipo gancho. No segundo podem incluir-se os passes: à altura do tórax, picado, acima da cabeça e baixo.

Drible

É o ato de bater a bola, impulsionando-a contra o solo com uma das mãos. Apenas com esse fundamento o jogador com a posse da bola poderá se deslocar pela quadra sem infringir as regras do jogo.

Arremesso

É um fundamento de ataque realizado com o objetivo de se conseguir a cesta.

Em uma partida de basquetebol o atacante de posse de bola poderá executar um arremesso de diversas formas, dependendo de sua posição na quadra, da posição do adversário mais próximo e de sua velocidade de deslocamento. Em função parâmetros surgem alguns tipos de arremessos mais utilizados. São eles: a bandeja, o arremesso com uma das mãos e o jump. Pode-se citar ainda o arremesso tipo gancho, muito utilizado pelos pivôs por sua localização próximo à cesta.

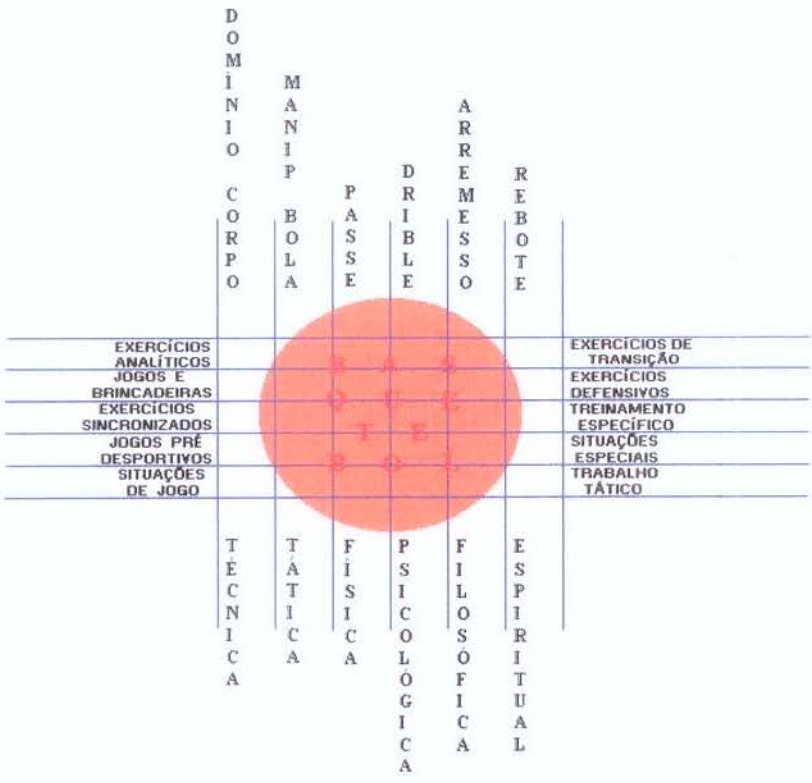
Rebote

Em um jogo de basquetebol, toda vez que houver uma tentativa de arremesso os jogadores deverão se posicionar de tal forma que, se a cesta não for convertida, eles estarão em condições de conseguir a posse da bola. Portanto, o ato de recuperar a bola após um arremesso não convertido é denominado rebote.

O rebote pode ser classificado como: rebote de defesa ou defensivo e rebote de ataque ou ofensivo.

Finalizando esse tópico, o aspecto tático no basquetebol aparece como uma forma de facilitar o objetivo do jogo utilizando-se a somatória das capacidades e habilidades individuais dos jogadores. A atuação individual passa a ser realizada em função da equipe, que para isso é previamente organizada, planejada e treinada.

São várias as formas possíveis de trabalharmos com o basquetebol. Como exemplos podemos apontar os exercícios analíticos, exercícios de transição, os jogos e brincadeiras, as situações de jogo, enfim, um dos papéis do professor será o de utilizar desses exercícios para se trabalhar os fundamentos e ensinar, ou aprimorar todos os aspectos citados anteriormente.



2.2. Iniciação Esportiva: Considerações Pedagógicas

Já abordamos aspectos importantes que devem ser observados na iniciação esportiva, aspectos que desenvolverão um desenvolvimento geral de toda a potencialidade da criança e, ao mesmo tempo, formarão a base para um trabalho esportivo específico. Pode-se afirmar que o domínio dos movimentos considerados básicos, torna a criança apta a organizar da melhor forma possível uma composição complexa de qualquer movimento. Ao mesmo tempo, aprenderá mais rapidamente aquele que tiver uma grande variedade de experiências a nível de habilidades motoras básicas.

Portanto torna-se importante um trabalho, na iniciação esportiva, que levem em consideração os requisitos citados, para que a criança alcance um nível de desenvolvimento motor que capacita a rápida e fácil aprendizagem dos movimentos esportivos complexos. Ao mesmo tempo ela se tornará capaz de utilizar a técnica com facilidade, e a solucionar problemas de "tempo" e de "espaço" que se apresentam nas várias situações de jogo. Além disso, não podemos nos esquecer da transferencia dos princípios operacionais dos esportes coletivos, para que a criança possa aprender o modo de fazer vinculado das razões de fazer.

Uma das proposições da educação em geral é ajudar cada criança a desenvolver o seu potencial da melhor maneira e o máximo possível. O movimento bem orientado, segundo Guiselini (1984) é visto e comparado como de importância fundamental para o desenvolvimento de todas as potencialidades da criança num todo integrado. É importante também, na iniciação esportiva, que leve em consideração um trabalho que esteja ao alcance da criança, de forma adequada e progressiva, num nível de desenvolvimento motor que capacite a rápida e fácil aprendizagem de movimentos esportivos, desde a sua forma mais simples até a mais complexa e apurada forma de execução.

Outros pontos são levantados por vários autores a respeito da iniciação esportiva. De Marco & Junqueira (1993) colocam que a vitória em si não é importante, mas sim o fato de a criança sentir a evolução de seu desempenho. Isso influencia na sua auto estima e na maneira de lidar com situações competitivas.

Marques (1991), decorre a respeito desse assunto defendendo a adaptação e um treino próprio para cada idade, para cada fase de desenvolvimento:

"Se o treino estiver adaptado ao desenvolvimento fisico e psíquico da criança, não há razões para receios, e os modelos de preparação para jovens devem ser outros, e não aqueles que são do desporto de alto rendimento".

E Paes (1992), que nega a especialização esportiva precoce e defende a diversificação de movimentos e modalidades durante a iniciação esportiva. Num próximo momento estaremos discutindo melhor a problemática da especialização esportiva precoce e demais problemas decorrentes de uma iniciação esportiva despreocupada com o valor educativo que deve ter o esporte.

A todo momento devemos refletir na formação esportiva específica de crianças e adolescentes buscando contribuir na sua formação enquanto cidadãos. Os educadores, de acordo com Nascimento (2000) devem ter o conhecimento para avaliar quando, e de que modo atuar com a especialização esportiva, com o objetivo a longo prazo, visando um homem mais equilibrado e melhor preparado para o futuro. Além disso, Nascimento coloca que, a meta é dar a esse homem a oportunidade de ser um amante do esporte ou um profissional desse esporte, desde que tenha condições psíquicas, uma preparação física adequada, e um apoio financeiro. Como amante do esporte, deve ter adquirido boas experiências, aumentando o seu acervo motor e guardado boas recordações de convívio com outros indivíduos. Dessa forma, terá obtido uma contribuição da prática esportiva que incorporou à sua vida.

2.2.1 Problemas no processo da iniciação esportiva: A negação da especialização Precoce

Como já vimos, a iniciação esportiva é um assunto muito discutido, e cada vez mais preocupante. Diversas dessas preocupações tem norteado trabalhos científicos ou não a respeito dessa iniciação. Os trabalhos apontam para problemas como:

- a busca da plenitude atlética em crianças e adolescentes ainda em formação,
- a competição exacerbada,
- a cobrança de resultados,
- as pressões psicológicas exercidas pelos pais e técnicos aos praticantes,
- definição precoce do esporte a ser praticado.
- a especialização esportiva precoce.

Paes, após se aprofundar no problema da especialização precoce no basquetebol vem estudando outros problemas referentes a pedagogia do esporte. Um desses é a *prática esportivizada*, que se vale dos fundamentos e dos gestos técnicos de diferentes modalidades, sem nenhum compromisso com os objetivos do cenário em questão, limitando-se a repetição de movimentos, fazendo com que o aluno execute sempre aquilo que ele já sabe, não possibilitando o aprendizado de algo novo. Um outro problema é *a prática repetitiva de gestos técnicos em diferentes níveis de ensino*, desrespeitando as fases de desenvolvimento do aluno reduzindo o esporte a uma simples prática esportivizada com o fim em si mesmo. E o problema da *fragmentação de conteúdos*, onde o esporte é ensinado de forma desorganizada, sem a continuidade e a evolução necessária ao aprendizado.

Por fim deixamos o problema da ***especialização esportiva precoce***, por se tratar de um dos problemas mais graves da pedagogia do esporte. Não podemos confundir iniciação esportiva precoce com especialização esportiva precoce. A primeira, ao contrário da segunda é extremamente positiva desde que bem trabalhada. Esta última, além de problemas psicológicos, morais, motores e físicos, pode também causar, segundo Kunz,

uma unilaterização de um desenvolvimento que deveria ser plural; uma deficiente formação escolar devido a grande exigência de acompanhar com êxito a carreira esportiva; e uma reduzida participação em atividades, brincadeiras, e jogos do mundo infantil, indispensáveis para o desenvolvimento da personalidade na infância.

Em 1992, Paes se interessou em estudar o tema, pois observou, ao longo da década de 80, que já na categoria mini-basquetebol os resultados obtidos eram mais importantes do que a própria formação da criança e que a busca pela vitória era priorizada em detrimento das possibilidades educativas inerentes à atividade. Ele também pôde observar que esses problemas aconteciam em quase todas as demais modalidades esportivas, causando-lhe uma inquietação ainda maior.

Na dimensão técnica, Paes apontou como problemas causados pela especialização esportiva precoce a:

- busca de plenitude atlética em crianças;
- definição precoce do esporte a ser praticado;
- especialização precoce quanto ao posicionamento técnico e tático;
- organização dos eventos direcionados para crianças com regras que são as mesmas utilizadas para jogadores profissionais.

Não há duvidas de que a especialização esportiva precoce em uma modalidade esportiva, logo no primeiro momento do processo de ensino-aprendizagem poderá acarretar problemas à história de vida esportiva das crianças, como também à sua formação. Além disso, essa especialização precoce tem efeito limitado e duvidoso e, certamente, não respeita as fases de desenvolvimento das crianças muito menos da aprendizagem.

Como proposta para se evitar a especialização precoce, Paes defende a diversificação de movimentos e de modalidades, pois segundo ele, esse procedimento poderá ampliar o universo esportivo da criança e do adolescente.

2.2.2 A educação e o esporte

Para falarmos de uma pedagogia do esporte e também sobre esporte educacional defendemos a importância de trabalharmos um pouco sobre os termos educação e esporte, entendendo sua origem, evolução e como eles são vistos na atualidade.

No dicionário Aurélio encontramos a educação sendo definida como um "processo de desenvolvimento da capacidade física, intelectual e moral da criança e do ser humano em geral, visando à sua melhor integração individual e social."

Já o esporte, que segundo autores teve origem nos jogos populares do final do século XIX e início do século XX é de acordo Comitê Esportivo Francês:

> *"Toda atividade física com caracter de jogo, que adote forma de luta consigo mesma ou com outra pessoa, ou que constitua um confronto com os elementos naturais"*
>
> (Comitê Esportivo Francês).

Daiuto (1974) já destacava o esporte como uma necessidade individual e social, uma influência que se evidencia cada vez mais dentre as atividades do homem, sendo uma fonte de saúde e distração. Destacava também que o mesmo surpreende pela rapidez e amplitude de sua progressão, que se impõe pela atração que desperta; incita a ação, competição, superação de esforço e, que deste modo, favorece o enriquecimento pessoal, além de ser um extraordinário meio de expressão que revela, por oposição, os limites de cada um.

O esporte participa direta ou indiretamente das nossas vidas, possui espaço garantido em todos os jornais, em horários nobres da TV, estando presente nas atividades de lazer, em competições de alto nível, nos clubes, escolas... Segundo Santin (1996 a) os esportes são reproduções de valores de uma cultura de uma determinada ordem social em que se encontram inseridos e têm como objetivo introduzir seus praticantes nestas ordens sócio culturais, ficando evidente seu valor educativo. Durante toda sua evolução o esporte

refletiu os valores da sociedade. Foi assim nos jogos esportivos gregos da antigüidade, na Idade Média, ou no seu atual momento capitalista. Foram percebidas inúmeras modificações no esporte da modernidade e uma dessas mudanças foi a perda da sua essência lúdica. Cagigal (1981) defende que o esporte tem que ter ar de festa, ser uma maneira alegre e divertida de viver e, acima de tudo, manter o lúdico. Mas o que está ocorrendo é que o esporte tornou-se o ócio comercializado, assumindo os valores do esporte espetáculo que busca o campeão, o record. Para Santin (1996b) não há mais o praticante de atividades desportivas, nascidos na criatividade do impulso lúdico, no interior de uma ordem cultural, e sim o atleta universal, elaborado nos laboratórios das ciências e moldados pelos exercícios da técnica.

O professor de esportes deve ser visto como um educador e não como um mero transmissor de conhecimentos técnicos ou táticos. Sua ação deve ser baseada em princípios críticos, pedagógicos e científicos, a fim de contribuir para o desenvolvimento integral de crianças e jovens, além disso, a as aulas devem apresentar um enfoque direcionado à conscientização crítica, tendo espaço para se discutir os valores e o que o esporte representa na sociedade.

Para finalizarmos esta reflexão usamos o questionamento colocado por Neuenfeldt (1999):

Qual o tipo de educação que o esporte deve priorizar? Pode-se educar o físico, adestrar humanos, ensiná-los a serem insensíveis e a lutarem com todas as suas forças, esquecendo a dor e de quem está jogando a seu lado ou na equipe contrária, em busca da vitória. Ou podemos educar para a vida, buscar desenvolver o esporte como uma confraternização, onde o ser humano percebe que está dentro de um contexto histórico-cultural, que a sua vida só faz sentido pelo convívio harmonioso com outras pessoas e que as suas necessidades não precisam ser pré-destinadas pela mídia ou pelo tipo de valores que permeiam na nossa sociedade capitalista. Quando escolhermos uma destas respostas devemos fazer a nós mesmos mais uma pergunta: que tipo de educador sou eu?

Não que a competição ou a busca pela vitória devam ser negadas, , mas sim que haja uma preocupação na forma como tais aspectos são trabalhados pelo professor ou treinador e principalmente respeitando as fases de desenvolvimento, crescimento e a própria individualidade do aluno. Concordamos com Daiuto (1979), que para o homem

praticar o esporte durante sua vida, é necessário que na infância tenha adquirido o hábito e o prazer de praticá-lo.

Educar crianças e jovens, através do esporte de competição, implica prepará-los para atuar, de forma positiva, na sociedade. Montagner (1993) afirma que não se consolida a formação de um homem em apenas um dia e nem tampouco com a influência de apenas uma agência. Depende de uma transmissão lenta e graduada em seu cotidiano, nas diferentes agências de transmissão de educação e a somatória desses contatos pode levar a formação de um jovem que possa refletir criticamente e questionar esses valores, podendo levá-lo a formular novos valores. O autor ainda coloca que:

> *"Somente se acredita na educação, através da prática esportiva de competição, à medida em que se prepara a criança e o jovem para serem capazes de enfrentar os desafio sem um universo sócio-cultural em constante mutação."*

Para isso Montagner defende que não se deve doutrinar, mas sim instigar a liberdade de ação, de pensamento, de contestação, baseada em valores de responsabilidade e respeito ao seu semelhante e colocamos também em respeito as suas individualidades.

2.2.3 Pedagogia do esporte

> *"O desporto não possui nenhuma virtude mágica. Ele não é em si mesmo nem socializante nem anti-socializante. É conforme: ele é aquilo que se fizer dele. A prática do judô ou do râguebi pode formar tanto patifes como homens perfeitos preocupados com o 'fair-Play' ".*
>
> PARLEBÁS apud BETTI, 1991, p-55

O esporte pode ser considerado um dos maiores fenômenos deste século, sendo cada vez mais evidenciado seu crescimento e tendo seus significados ampliados. Diversos estudiosos abordam este fenômeno sócio-cultural nas suas diferentes dimensões como no lazer, no social, no escolar, no pedagógico, no treinamento, no adaptado, enfim, todos tentam compreender melhor este fenômeno que vem a cada dia ganhando um maior espaço no mundo moderno.

A pedagogia esportiva é um campo de conhecimento que também vem cada vez mais desenvolvendo na área esportiva e que muito tem contribuído para a valorização e a prática do esporte, buscando adequar situações as condições de ordem sociológicas, psicológicas, motoras, educacionais e morais no desenvolvimento do aluno. Defendemos que deve-se oferecer à criança oportunidades de vivenciar experiências diversificadas de movimentos e que este procedimento pedagógico trará futuramente vantagens motoras, psicológicas, técnicas e táticas além de não expor a criança a um processo que poderá acarretar em problemas à sua história de vida esportiva, como também a sua formação.

Logo, o esporte no contexto formador deve ter um tratamento pedagógico que:

- instrumentalize o aluno a conviver com o fenômeno do esporte,
- negue a especialização precoce,
- leve em conta as múltiplas possibilidades do esporte, compreendendo

seus diferentes significados,

- tenha a participação como um princípio,
- tenha o jogo como um recurso pedagógico importante,
- paute-se pela diversificação de modalidades.

A diversificação no processo de aprendizagem do esporte possibilita o conhecimento de diferentes modalidades, devendo obedecer a uma seqüência adequada aos processos de desenvolvimento, crescimento e aprendizagem motora do aluno proporcionando a compreensão da lógica técnico-tática do esporte coletivo além de desenvolver as habilidades nos seus valores absoluto e relativo.

Num primeiro momento nosso objetivo será ampliar o vocabulário motor através de atividades lúdicas, o jogo. Num segundo momento o objetivo é fazer com que a criança conheça o maior número de modalidades através dos jogos desportivos. E num terceiro e último momento é que trabalharemos com a especialização, com o esporte competitivo.

No processo de ensino-aprendizagem é preciso dar ao esporte um tratamento pedagógico. Nesse contexto é que devemos defender a diversificação de movimentos como uma proposta pedagógica já apontada por Paes, proposta esta preocupada em atribuir ao fenômeno esporte uma função educativa.

2.2.4 O esporte educacional e o jogo

Este, sem dúvida é o ponto principal do trabalho, por ser ele o que nos levou a estudar tal tema e acreditamos que seja o mesmo que nos leve mais adiante a elaborarmos um trabalho que se aprofunde em tal temática.

Na graduação, sem dúvida, quando falava-se em esporte educacional os professores nos colocavam três questões fundamentais:

→ O que ensinar na iniciação esportiva?

→ Para quem ensinar?

→ Como ensinar?

Nestas três questões o referencial é metodológico.

Sem dúvida são questões fundamentais que devem ter grande importância no momento em que o professor for elaborar, planejar e executar seu trabalho, sua aula. São questões fundamentais no processo de ensino-aprendizagem na iniciação esportiva.

Mas o que mais me despertou a atenção foi uma questão levantada pelo Professor Dr. Roberto Rodrigues Paes na disciplina Pedagogia Esportiva no basquetebol:

→ Em que medida o esporte pode contribuir para a formação de nossos alunos?

Nesta questão o referencial é sócio-educativo. Ele ainda complementou dizendo que ensinar basquetebol era muito fácil e que qualquer um poderia ensinar, mas que formar cidadãos usando o basquete como colaborador nesse processo, isso, poucos seriam capazes e que este seria o verdadeiro diferencial de um profissional.

Talvez tenha sido esse o questionamento que me despertou o interesse em realizar este estudo, questionamento que, com certeza, merece uma atenção, pois não se trata simplesmente de ensinar uma modalidade esportiva, mas sim de analisar as possibilidades educacionais do esporte preocupado no processo de formação dos nossos alunos.

A educação existe por toda parte, sendo uma ação sócio-cultural sobe os indivíduos, sendo uma razão da convivência das pessoas. Educa-se, como já foi visto, através de diferentes agentes sociais, como o clube, a escola, a família... Segundo Montagner (1993), no momento de participar da competição esportiva e da convivência do clube, ali se passa a construir uma escola. É a comunidade esportiva (técnicos, dirigentes árbitros, pais, etc) transmitindo e recebendo saber, experiências e valores. É um local momentaneamente

provisório, onde ocorrem as trocas e a possível formação do instrumento esporte em instrumento educacional. Montagner (1993) ainda defende que:

> *"O clube sócio-esportivo é um aparelho educativo e adquire, no trabalho do esporte-competição o perfil e o objetivo constante de formadores educacionais, atuando como elemento de qualificação extra-escolar, somando seus esforços na integração do Ser Humano ao mundo, não sendo um simples prolongamento da escola, mas uma instituição que colabora no projeto de formação global do homem".*

O esporte educacional é uma atividade humana que busca :

- O desenvolvimento integral do indivíduo de sua socialização e de sua promoção;
- A manutenção da saúde, do desenvolvimento da auto-estima, do auto-conhecimento e da auto superação, dentre outros interesses;
- Desenvolver-se com ênfase no processo educativo, como forma do homem se entender e se fazer no mundo, no âmbito dos sistemas formais como fora deles;
- Finalidade precípua – desenvolvimento do homem e da cidadania;
- Ter como princípios trabalhar a totalidade, a co-educação, a participação, cooperação, a emancipação e o regionalismo.

Defendemos então a necessidade de dar ao esporte um tratamento pedagógico, e propomos o jogo como um facilitador deste processo. O jogo dentro do contexto esportivo vem auxiliando já a algum tempo no processo de aprendizagem e desenvolvimento do aluno. Paes coloca que a criança mostra-se de forma verdadeira quando está jogando, por isso no contexto educacional ele apresenta algumas vantagens como recurso pedagógico.

A ludicidade, a cooperação, a participação, são aspectos que defendemos e que estão presentes no jogo. Além disso, temos no jogo, o retorno a origem do esporte, e mesmo a

competição que, segundo Paes, tratada de forma adequada, sem valorização exarcebada, pode promover a alegria e o prazer de uma prática que nunca se repete, pois a incerteza presente neste fenômeno, como uma de suas características, pode atuar como um fator de motivação, despertando cada vez mais o interesse pelo esporte.

O jogo como recurso no tratamento pedagógico ao esporte vem sendo estudado por vários autores que estudam tal temática. Destacamos Terry Orlick, Huizanga, João Freire e por fim Paes. Cada um desses autores fez uma análise sobre o jogo, mas abordando diferentes aspectos como:

Terry Orlick, que no seu livro Vencendo a Competição, coloca que os jogos e os esportes são reflexos da sociedade, mas que também criam o que é refletido e que além disso ensina valores e modos de comportamento:

> *"Os jogos e os esportes são reflexos da sociedade em que vivemos, mas também servem para criar o que é refletido. Muitos valores importantes e modos de comportamento são aprendidos por meios das brincadeiras dos jogos esportivos".*
>
> Terry Orlick (1978)

Já Huizanga, faz uma pesquisa antropológica em seu livro Homo Ludens, onde aponta sua visão acerca da cultura e do jogo e busca um melhor entendimento sobre o tema, e sua vasta possibilidade de análise:

"Jogo é uma atividade de ocupação voluntária, exercida dentro de certos e determinados limites de tempo e de espaço, segundo regras livremente concebidas, mas absolutamente obrigatória, dotado de um fim em si mesmo, acompanhado de um sentimento de tensão e alegria de uma consciência de ser diferente da "vida cotidiana"."

Huizinga (1983)

Já Freire, ao trabalhar de forma vinculada com a teoria e com a prática em seu livro Educação de Corpo Inteiro, nos trás o jogo como uma conduta lúdica, onde a criança aprende incessantemente enquanto brinca:

"Entre as múltiplas funções cumpridas pelo jogo, destaca-se uma muito especial. Diante de uma situação nova para adaptar-se, o sujeito exercita aquilo que já aprendeu. Na prática, toda via, não é possível separar adaptação de jogo, pois enquanto brinca a criança aprende incessantemente".

João Freire (1989)

E Paes, que em seu trabalho de doutorado defende uma metodologias de ensino, onde nos propõe o "jogo possível" como sendo um valioso recurso pedagógico no processo de ensino e aprendizagem dos esportes coletivos:

> *""Jogo possível" nos permitirá ensinar esportes,dando ao aluno oportunidade de conhecer e desenvolver os fundamentos básicos das modalidades esportivas aqui sugeridas (basquetebol, handebol, futebol e voleibol), como também desenvolver seus fundamentos específicos, considerando seus valores absolutos e relativos. Portanto o "jogo possível" é um recurso necessário para a sinalização de uma pedagogia do esporte, preocupada em instrumentalizar os alunos do ensino fundamental para conhecerem, tomarem gosto e usufruírem do esporte tendo como benefício uma melhor qualidade de vida".*
>
> Paes (1996)

O jogo, ainda segundo Paes, tem uma função extraordinária, porque ao mesmo tempo em que acentua a ludicidade de uma prática esportiva, pode também exercer rigor nas suas exigências técnicas, proporcionando ao aluno melhor compreensão dos fundamentos e da lógica técnico-tática das modalidades esportivas. Tal função pode ser facilmente identificada nas modalidades coletivas, por isso o estudo e a defesa de se trabalhar com a transferência dos princípios operacionais dos esportes coletivos. O jogo nos permitirá ensinar o esporte, proporcionando ao aluno conhecer e tomar gosto por sua prática.

Enfim, é preciso jogar para aprender e não aprender para jogar. O professor deve estar atento em estar sempre promovendo intervenções positivas; ter a participação, a cooperação, a co-educação, a emancipação e a totalidade como princípios; e deve promover

e trabalhar com a relação de ensino-aprendizagem, para isso será necessário valer-se da pedagogia do esporte e não da simples administração da prática esportivizada.

Considerações Finais

A iniciação esportiva ocorre em vários ambientes. Com a evolução do esporte, surgiu um interesse maior, sobretudo das crianças, em ter acesso a este fenômeno. Hoje podemos observar diferentes agências oferecendo a prática esportiva, entre outros: clubes, escolas, academias, e praças esportivas públicas.

O esporte no contexto formador deve ter um tratamento pedagógico. Essa pedagogia do esporte deve levar em conta suas múltiplas possibilidades, compreendendo seus diferentes significados; deve ter a participação como um princípio, deve negar a especialização precoce, deve pautar-se pela diversificação de modalidades, deve ter o jogo como um recurso pedagógico importante e deve instrumentalizar o aluno para conviver com esse fenômeno.

A iniciação esportiva precoce é positiva ao contrário da especialização precoce. Esta última apresenta problemas nas dimensões do treinamento físico além das partes psicológicas, motoras e morais da criança podendo causar também;

- formação escolar deficiente devido a grande exigência em acompanhar com êxito a carreira esportiva;
- unilaterização de um desenvolvimento que deveria ser plural;
- reduzida participação em atividades, brincadeiras e jogos do mundo infantil, indispensáveis para o desenvolvimento da personalidade na infância.

  Paes defende que a especialização precoce tem, no mínimo, efeito limitado e duvidoso e, certamente, não respeita as fases de desenvolvimento das crianças nem da aprendizagem.

A diversificação no processo de aprendizagem do esporte possibilita o conhecimento de diferentes modalidades, obedece a uma seqüência adequada aos processos de desenvolvimento, crescimento e aprendizagem motora do aluno proporcionando a compreensão da lógica técnico-tática do esporte coletivo além de desenvolver as habilidades nos seus valores absoluto e relativo. Para isso, podemos trabalhar com a transferencia dos princípios operacionais dos esportes coletivos, pois facilita a aprendizagem, uma vez que um jogador percebe num jogo, uma estrutura semelhante já encontrada num outro esporte coletivo.

A participação é um outro aspecto de fundamental importância para a prática de uma pedagogia do esporte, pois neste contexto que defendemos, a inclusão é um fator preponderante em todo o processo.

Como possibilidades pedagógicas indicamos que, num primeiro momento o objetivo seja o de ampliar o vocabulário motor através de atividades lúdicas, o jogo. Num segundo momento que o foco principal possibilite que a criança conheça o maior número de modalidades através dos jogos desportivos. E só então, num terceiro e último momento, é que deve-se trabalhar com a especialização, com o esporte competitivo.

Por fim, defendemos uma proposta socioeducativa destacando a cooperação, convivência, emancipação, participação e co-educação como princípios indispensáveis para o desenvolvimento da personalidade da criança e do jovem, se preocupando principalmente, não em formar atletas, mas sim cidadãos.

Bibliografia

BAYER, C. **O ensino dos desportos coletivos.** Lisboa: Dinalivros, 1994.

BRUNS, H. T. **A dinâmica lúdica**. Campinas: UNICAMP, 1989. (Dissertação de mestrado).

DAIUTO, M. B. **Basquetebol: Metodologia do ensino.** 5 ed. São Paulo, Brasipal, 1983.

DE ROSE, Jr. D. et al. **Esporte e atividade física na infância e adolescência: Uma abordagem multidisciplinar**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

DE MARCO. (org.) **Pensando a educação motora.** Campinas: Papirus, 1995.

DE ROSE JR, D. & FERREIRA, A. E.X – **Basquetebol – técnicas e táticas: Uma abordagem didático-pedagógica.** São Paulo: Brasil, EPU-USP, 1987.

DUMAZEDIER, J. **Valores e conteúdos culturais do lazer.** São Paulo: SESC, 1980.

FREIRE, J. B. **Educação de corpo inteiro**: teoria a prática da educação física. São Paulo: Scipione, 1997. (Pensamento e ação no magistério).

GALLARDO, J. S. P. (coord). **Educação física** –contribuições à formação profissional. 2° ed. Ijuí: Unijuí,1997. (Coleção Educação)

GARGANTA, J. **Para uma teoria dos jogos desportivos coletivos.** In: GRAÇA, A. e

HUIZANGA, J. **Homo Ludens:** o jogo como elemento da cultura. São Paulo: Perspectiva, 1980.

KUNZ, E. **Transformações didático-pedagógica do esporte**. Ijuí: Unijuí, 1994.

MARQUES, W.. **Caderno técnico-didático: Basquetebol**. Brasília, MEC/DED, 1980.

MONTAGNER, P. C.. **Esporte de competição x Educação O caso do basquetebol,** Piracicaba, Unimep, 1993 (dissertação de mestrado).

MONTAGNER, P. C.. **A formação do jovem atleta e a pedagogia da aprendizagem esportiva.** Campinas, São Paulo, 1999 Tese (Doutorado) UNICAMP, Faculdade de Educação Física.

OLIVEIRA, J. (Ed.). **O ensino dos Jogos Desportivos.** Universidade do Porto, Faculdade de Ciências do Desporto e da Educação Física, 1995.

ORLICK, T. **Vencendo a competição**. Círculo do livro, São Paulo, 1987.

PAES, R. R. **Aprendizagem e competição precoce: O caso do Basquetebol**. 3° ed. Campinas: UNICAMP, 1997.

PAES, R. R **O esporte como conteúdo pedagógico do ensino fundamental.** Campinas, 1996. (Tese de doutorado) UNICAMP, Faculdade de Educação Física, 1996.

REGRAS OFICIAIS DE BASKETBALL (1998 - 2002). Confederação Brasileira de Basquetebol – CFE .

WEINECK, J. **Treinamento ideal.** São Paulo: Manole, 1997.